

UNILEÃO  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

PABLO EMMANUEL HARDMAN ALVES

**A DISSOCIAÇÃO DA IDENTIDADE CONJUGAL E A RECONSTRUÇÃO DA  
IDENTIDADE INDIVIDUAL**

JUAZEIRO DO NORTE-CE  
2019

PABLO EMMANUEL HARDMAN ALVES

**A DISSOCIAÇÃO DA IDENTIDADE CONJUGAL E A RECONSTRUÇÃO DA  
IDENTIDADE INDIVIDUAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentada a coordenação do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como pré-requisito para obtenção do grau de bacharel.

Orientador(a): Doutora, Clarissa de Pontes Vieira Nogueira

JUAZEIRO DO NORTE-CE  
2019

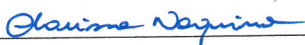
PABLO EMMANUEL HARDMAN ALVES


**A DISSOCIAÇÃO DA IDENTIDADE CONJUGAL E A RECONSTRUÇÃO DA  
IDENTIDADE INDIVIDUAL**

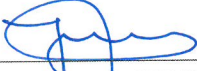
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
coordenação do curso de Psicologia do Centro  
Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para  
obtenção de grau de Bacharelado em Psicologia.

Aprovado em: 05 / 12 / 2019

BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
CLARISSA DE PONTES VIEIRA NOGUEIRA  
Orientador(a)

  
\_\_\_\_\_  
JOAQUIM IARLEY BRITO ROQUE  
Avaliador(a)

  
\_\_\_\_\_  
JOEL LIMA JUNIOR  
Avaliador(a)

# A DISSOCIAÇÃO DA IDENTIDADE CONJUGAL E A RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INDIVIDUAL

Pablo Emmanuel Hardman Alves<sup>1</sup>  
Clarissa de Pontes Vieira Nogueira<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo explorar o processo de distinção entre a identidade conjugal e individual, principalmente quanto às suas características e alternâncias, especificadamente a relação conjugal e seu término, que desemboca em uma necessidade que é imposta a pessoa de que ela reencontre um sentido e um caminho individual para a sua experiência, agora divergente da situação de conjugalidade na qual se encontrava. A análise do conteúdo aqui exposto foi referenciada por uma leitura psicológica generalista, ainda que o caráter específico de observação dos fenômenos propriamente interacionais não tenham se valido da mesma alcunha. Com o aprofundamento das noções de identidade, sejam elas construídas através de um vínculo conjugal ou de forma individual, a leitura dos dados não poderia deixar de se valer de uma perspectiva sistêmica, além da escolha pela análise sócio-histórica do constructo de tais processos identitários. Com isso, foram trabalhados os processos que circundam esse jogo de identidades, e como ele possibilita e auxilia na vivência do luto complicado.

**Palavras chave:** Identidade conjugal. Identidade individual. Término. Luto complicado.

## ABSTRACT

The present work aims to explore the process of distinction between the conjugal identity and individual identity, mainly referring to yours features and alternances, specifically the conjugal relationship and his end, that claims into a need that is given to the person whom she can find a meaning and an individual way for her experience, now divergent from the situation of conjugality where she was. The analysis of the content in here was referenced by a generalist psychological reading, although the specific character of observation of the properly interactional phenomenal did not use the same nickname. With the deepening of the notions of identity, whether they are constructed through a marital bond or individually, the reading of the data could not but rely on a systemic perspective, besides the choice by the socio-historical analysis of the construct of such identity processes. Thus, the processes that surround this game of identities were worked, and how it enables and assists in the experience of complicated grief.

**Keywords:** Conjugal identity. Individual identity. End. Complicated mourning.

## 1. INTRODUÇÃO

O término de um relacionamento conjugal se constitui de uma desconstituição vincular, formada por uma ruptura com caráter alternante significativo, evento que possibilita o surgimento de vivências de sofrimento, que são associadas a processos de desconstrução, principalmente de reformulações acerca das noções de individualidade, que

---

<sup>1</sup>Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: pablohardman23@gmail.com

<sup>2</sup>Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: clarissa@leaosampaio.edu.br

associadamente possibilitarão readaptações dos indivíduos às suas rotinas. O processo de luto advindo desse fenômeno permite uma análise exploratória acerca do que configura o processo de reconstrução da identidade individual e da dissolução da conjugalidade, além de como isso se reverbera na individualidade das pessoas (FÉRES-CARNEIRO, 1998).

O presente trabalho busca revisitar aspectos do processo de dissolução da conjugalidade e reconstrução da identidade individual que possam reunir e acrescentar dados às discussões, principais pesquisas e bibliografias atualmente existentes sobre o tema, além de ter como possibilidade a aplicação ou contribuição aos atendimentos clínicos direcionados a pessoas sofrendo devido a questões relacionadas ou similares.

De acordo com Oltramari (2009), referente a um aspecto propriamente humano de habitação mútua e coparticipação nesse processo, estamos permeados de contatos e demandas intransferíveis e concomitantes a condição antropológica, sociológica e vigente que nos circunda e nos reafirma enquanto grupo. De acordo com essa postulação, o amor e os vínculos conjugais decorrentes dele são vistos meramente como resultados de um processo cujo fim decorreu da formação de um hábito repassado socialmente como apenas sentimento.

Ao precisarmos de outra pessoa para compor parte do tecido da sociedade quanto a um viés utilitário, seja através de uma habilidade que não dominamos ou de um saber que não conseguimos aprender facilmente, isso não nos afirma independentes frente a outrem, pelo contrário, se reforça a característica inadvertidamente humana que possuímos: a interdependência, que ainda pode ser utilizada enquanto potência de compartilhar e dialogar sobre saberes e experiências vividas em conjunto (ANTON, 2002).

Aspectos relacionados à conjugalidade são intrinsecamente fatores interacionais, e para isso, a perspectiva sistêmica é basilar para se analisar o contexto de estruturação das múltiplas formas de relação com os fenômenos antecedentes à decisão pelo rompimento do vínculo conjugal ou até nitidamente alguma situação conflitante ter se apresentado enquanto fator contributivo para o rompimento da relação (COSTA, 2010).

O vínculo conjugal e seu processo formativo na relação marital delinea uma vivência segura de troca de experiências afetivas para com o cônjuge, a fim de estabelecer ainda que não deliberadamente, confiança, segurança, conforto e sentimento de vinculação por semelhança ou até mesmo diferença, além de aspectos práticos como presença e convivência, formando-se assim um apego originado da condicionalidade da situação de conjugalidade (ROLIM; WENDLING, 2013).

De acordo com Féres-Carneiro (1998), a separação se configura como um espaço decisório multifacetado, onde diversas situações contraditórias podem se tornar figura, tais como sentimentos de mágoa, fracasso e frustração pelo parceiro ou parceira. Ao mesmo tempo que buscam suas identidades individuais novamente, ambos conflitam por uma ruptura na identidade conjugal, que já não se configurava mais dentro dos parâmetros prévios de satisfação conjugal de ambos, construindo-se uma dissonância basilar nessa formação, com ideais e expectativas destoantes das que formularam a sua junção.

O desejo, a decisão e o processo de dissolução são situações graduais, que comumente acarretam desgaste e sofrimento psicológico, sendo motivo de várias procuras a clínica psicológica psicoterapêutica (FÉRES-CARNEIRO, 1998).

Identificar e descrever o que seriam os significados atribuídos ao casamento e ao conceito de amor também serve como base interrogativa desse presente levantamento. Expectativas para o casamento e as formas discursivas de conflito que foram elaboradas em período de namoro analisados em momentos de dificuldades no convívio conjugal também precisam ser observadas e discutidas.

Fatores, tais como: expectativas sobre o casamento, ideias e estratégias de resolução de conflitos e possibilidades de reformulação do significado da companhia do cônjuge são imprescindíveis para a discussão acerca de como acontecem alterações, ainda que mínimas, do período de namoro, onde os limites individuais ainda se encontram relativamente volúveis e aparentes, para o da conjugalidade, em que uma série de contratualidades no convívio a dois dificulta o olhar atencioso para o que costuma acontecer na individualidade dos que decidiram compartilhar duas formas de viver necessariamente distintas (FONSECA; DUARTE, 2014).

Enquanto objetivo geral, o intuito é explorar bibliografias que tratem do processo de reconstrução da identidade individual e da dissolução da conjugalidade. Dentre os específicos, investigar os constructos em torno do papel da perspectiva prévia da concepção de identidade conjugal, delinear aspectos constituintes relevantes de como o processo de separação se efetiva subjetivamente através de levantamento bibliográfico e elencar características comuns presentes no processo de dissolução e término de acordo com a literatura sobre o tema.

## **2. METODOLOGIA**

O método de pesquisa utilizado é o exploratório, onde foi realizado uma revisão bibliográfica acerca do tema. A seguinte pesquisa tem como propósito obter dados qualitativamente exploratórios que buscam se aproximar do que os fenômenos podem expressar

enquanto formulações ou tentativas de construção de sentidos acerca do que aqui é exposto enquanto situação-problema. Foi desenvolvida a partir de levantamento bibliográfico sobre o tema do luto advindo da demanda por reconstrução da identidade individual, ao mesmo tempo em que ocorre a dissolução da identidade conjugal imposta pelo término da relação de conjugalidade. Foram utilizados artigos das plataformas eletrônicas SCIELO, PEPSIC, assim como de periódicos online de outras revistas, bem como monografias, teses de mestrado e doutorado, com materiais datados do ano de 2001 a 2019. Os descritores utilizados para a pesquisa foram: Conjugalidade, identidade conjugal, separação, vínculo conjugal e satisfação conjugal.

### **3. CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA**

A constituição de uma identidade individual se mescla com a conformação da identidade conjugal. Nisso, o padrão de construção identitária do processo de nomeação de si mesmo a partir do que se vive (individualidade), que embora seja pertencente a si mesmo e às próprias potências e vivências, sendo dessa perspectiva um objeto interno de amor possível, a formação constituinte de uma individualidade que é marcada pelo atravessamento de uma conjugalidade reverbera formações típicas do laço de busca de comum ordem entre espelhar-se nas fantasias agradáveis da visão do outro enquanto objeto amoroso e entregar-se aos cuidados desse outro para que parte da responsabilidade sobre si mesmo seja delegada, gerando uma sensação de conforto primária desse entrecruzamento de possibilidades relacionais e formativas (COCA; SALLES; GRANADO, 2017).

Elaboraões histórico-sociais acerca do paradigma da identidade relacional incluem diferenças primordiais que precisam ser ratificadas precisamente como se apresentam, uma distinção basilar na perspectiva de que cada relação e ato de relacionar-se pressupõe e é envolvido por uma diferenciação constitutiva e cultural, afirmando-se aí o imperativo categórico do social em detrimento das categorias identitárias predominantemente individualistas, trata-se dessa forma, então, da pertinência do estudo da construção da formação da identidade nesse processo (GUEDES, 2007).

Reverberações e constructos sócio-culturais são visualizados na perspectiva tanto de uma masculinidade antecipatória quanto de uma feminilidade de pressuposição na interação relacional e na dissociação identitária habitual promovida pelo caráter dissociativo da experiência de rompimento conjugal. É com tal estrutura de análise, preferencialmente o olhar sistêmico e sócio-histórico, no qual podemos vislumbrar alguns efeitos possíveis que se

associam ao modo como as realidades identitárias conjuntas são desenvolvidas, para que desta forma as construções de identidade surjam posteriormente (RANGEL, 2008).

De acordo com Correia (2007), a identidade individual não se solidifica enquanto um fator isolado, mas sim de uma forma plural, corroborando dessa maneira com uma perspectiva social e de produção de significados humanos conjuntos na inserção de um determinado contexto cultural. É categórico a confluência de múltiplos fenômenos que abarcam a multiplicidade intrínseca à denominação identitária de um sujeito, que primeiramente já se encontra inserido no social, para só posteriormente verificar o efeito dessa cultura em si mesmo e o que consegue de aí, produzir sentido de si para consigo mesmo.

Para se conceber qualquer tipo de proposta conceitual acerca do que compõe as construções identitárias, é necessário estabelecer critérios investigativos que viabilizem tal caracterização. É demandado então uma forma de se restringir de que identidade estamos nos valendo para delimitar uma posição unívoca sobre esse dado designativo que ora é visto como introjetado no sujeito como parte de uma interioridade natural dele, mas que necessariamente se entrecruza com o meio vincular no qual se está abarcado (SILVA, 2009).

Uma das perspectivas possíveis para se pensar a identidade é a que valida a diversidade da sua gênese e criação e seu fluxo contínuo de formações e impactos sociais mutuamente visíveis tanto na pessoa que se caracteriza de uma forma quanto no ambiente que internaliza e também mantém uma linha de conexão com a produção que foi desenvolvida pelo sujeito. É então que se concebe o aspecto relacional diverso da experiência de vivência e construção de vias identitárias possíveis para contextos amplos, e é nisso que se ratifica a dinâmica multifacetada da subjetividade individualmente vivida, porém coletivamente compartilhada (LARA JUNIOR; LARA, 2017).

Produzir sentidos únicos e efetuar inferências sobre si, ao mesmo tempo que se atua no mundo de um forma distinta às outras que já existem, constitui um processo contínuo na diferença da determinação transitória no âmbito da identificação parcial subjetiva, que é possível devido a inclusão de distinções prévias da própria capacidade de estabelecer uma identidade para si próprio. Nisso, identidades podem ser criadas e recriadas, mas não superadas, mesmo que em suas radicalidades e pontos de divergências constantes, já que se direciona justamente para o modo como é produzida, e isso retorna para o seu aspecto múltiplo e não determinante (FERRARI, 2006).

O fenômeno identitário, marcadamente perpassado pela atualização da consciência, que se constitui enquanto uma relação ontogênica prévia à própria experiência de atribuição de sentido se enquadra em uma categoria de saber, posterior ao ato de já estar posto como dado,



que se inclui aqui devidamente a imposição de se estar consciente por e para si mesmo, o ato de viabilizar a existência, ainda que não se apreenda de forma deliberada as formas inconstantes e voláteis da realidade perceptual observável e imagética (MAHEIRIE, 2002).

O modelo clássico de caracterização da identidade ressoa em um aspecto predominante da cultura tecnológica da informação, a saber, a intrínseca e constituinte fluidez e contato intenso e frequente com múltiplas formas de possibilidade de contato e estabelecimento de relações atuais. Referente a essa germinativa constituição cultural atual primária, é coerente afirmar que a existência de uma identidade e da sua permanente reconstrução “individual” demanda, preconiza e viabiliza um movimento de encontro com a constância dos determinantes que se interpelam nos contextos de socialização e de produção de tecnologia da informação nos quais os afetados são, simultaneamente, sujeitos e objetos (GUEDES; ASSUNÇÃO, 2006).

#### **4. FORMAÇÃO DA CONJUGALIDADE**

Dissociar-se pressupõe estabelecer um distanciamento, e distanciar-se implica uma reconfiguração dos processos de coexistência típicos, envolvendo dessa forma os padrões de formação e construção do laço conjugal, servindo igualmente para que se perceba os modos com os quais essa vinculação é destituída de sua centralidade relacional habitual. Fatores implicantes no âmbito de avaliação da relação incluem o nível de satisfação existente e a existência de esquemas de estabilidade sólidos (FÉRES-CARNEIRO, 2010).

A separação conjugal configura uma experiência marcadamente figurativa dentre as demais experiências humanas de desamparo e desolamento. Neste sentido, a separação conjugal possibilita uma reaproximação com aspectos que antes poderiam ser indissociáveis na relação conjugal. Dessa forma, o aspecto dissociativo que permite a reconfiguração das identidades constitutivas primárias das pessoas na relação é o rompimento com a conjugalidade que coexistia, não diretamente o desligamento do sentimento amoroso com a pessoa com a qual se estabelecia a relação marital, e a dissociação nesse caso se refere a se dissociar do outro também inserido e igualmente em dissociação da dinâmica conjugal (FÉRES-CARNEIRO, 2003).

No contexto clínico, o processo de dissolução da dinâmica conjugal se torna marcante para a direção do processo psicoterapêutico, devido ao seu caráter explicitamente impactante para o sujeito em sofrimento em decorrência de tal situação. No setting clínico, a despeito da forma de atuação particular do psicoterapeuta e sua abordagem psicológica específica, é necessário que se olhe para essa faceta de produção em antítese do sujeito, que nesse sentido segue na contramão do que se procura com a potência da psicoterapia, a saber, a direção para autonomia e independência pessoal (COSTA, 2010).

Casos clínicos de psicoterapeutas atuantes na área da psicoterapia de família demonstram dados que de forma predominante corroboram entre si com a perspectiva da forma com a qual os casais realizam o seu processo de consolidação. Mutualidades, semelhanças e processos corroborativos conjuntos que irão constituir a majoritária parte da rotina do casal se tornam figura na investigação particular de observação acerca de quais particularidades estão envoltas na harmonia da vida individual compartilhada na relação conjugal através da associação de identidades, tal como a sensação de pertencimento positivo àquela relação e de satisfatória integração com o ambiente familiar compartilhado pela convivência indissociável da conjugalidade (ACKERMAN apud MONTEIRO, 2001).

A produção de afetos que se constituem em uma efetiva relação amorosa pressupõe a existência de uma prévia consolidação conjunta de união afetiva constituída por uma elaboração e vivências coexistentes de sentimentos de apreciação positivos mútuos e aferidos pela disponibilidade, situação econômica, recorte familiar situacional, nível de coesão e intimidade entre o casal, que passa a se valer de uma identidade conjunta a partir do momento em que contratos compactuados de forma implícita ou explícita se tornam vigentes para que o sentimento advindo da consolidação afetiva esteja direcionada para uma identidade formada pela união estabelecida (MONTEIRO, 2001).

A formação da conjugalidade envolve uma união intrinsecamente indissociável entre a permanência das individualidades em convívio com a conjugalidade em questão constituída. De tal forma, o ressurgimento de crises, entraves e conflitos relacionados a resolutividade das vivências destoantes e conflituosas entre o casal é uma constante que ressurge com frequência na relação conjugal para reafirmar a característica distinta dos indivíduos (RANGEL, 2015).

## **5. SATISFAÇÃO CONJUGAL**

A satisfação conjugal avalia os constructos simbólicos de confirmação, apreço, resistência, resignação e aversão a condição de conjugalidade. Assim, não somente o critério de satisfação abarcará a análise do contexto específico no qual os conflitos estão inseridos, como também poderá fornecer indícios de falência da identificação compartilhada. A utilização do termo satisfação conjugal também abrange a discussão para outros pontos, tais como a forma de ajustamento do casal às situações de conflito e a pluralidade de fatores concomitantes, tais como o grau de escolaridade dos cônjuges, os recursos pessoais construídos para resolução dos conflitos e o nível de intimidade desenvolvido e partilhado pelo casal (SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2010).

Outros fatores também podem ser vislumbrados de forma mais genérica e global quando se trata da avaliação dos níveis de satisfação do casal, a saber e mais especificamente, o grau de aceitação, validação e valorização da escolha do cônjuge, a satisfação pela condição de estar casado ou do casamento em si, e a confirmação com caracterização positiva da relação de casal (FERREIRA; PEDRO; FRANCISCO, 2015).

A construção da forma de se relacionar dos cônjuges está diretamente relacionada e é, ainda que indiretamente, afetada e influenciada com os estigmas sociais que são feitos acerca tanto da conjugalidade e do que essa significa socialmente, como das condições e lugar social que cada cônjuge ocupa, a depender do contexto, cultura, escolha de parceiro, orientação sexual, tipo de relação e papéis de gênero (MUHLEN; SATTTLER, 2016).

Modelos de representatividade são consolidados em categorias mais sólidas dentro da cultura, como o cargo representativo que determinadas posições familiares ocupam a critério social. Papéis familiares se interligam tanto com a conjugalidade quanto com a parentalidade, principalmente em famílias com pais não divorciados. Dessa forma, o reconhecimento de necessidades conflitantes cada vez mais emergentes e a priorização da satisfação conjugal em detrimento da manutenção do casamento por uma função social ou apenas parental dificulta o processo de tomada de consciência pelos indivíduos inseridos nessas condições particulares (OLIVEIRA; COSTA, 2004).

Dentro do contorno do que delimita uma vivência conjugal, características específicas como o locus de controle, a qualidade da comunicação e habilidades sociais são fatores associados aos critérios de inclusão nas variáveis do vínculo conjugal. Pessoas com locus de controle interno tendem a utilizar tal característica em benefício da relação, uma vez que é justamente esse movimento que a relação demanda. As habilidades sociais se relacionam com as necessidades vinculadas e observadas em si mesmo e na figura do outro, o que requer uma comunicação hábil das diferenças e um anseio necessário para a resolução de questões motivadas por necessidades divergentes. (FIGUEREDO, 2005).

Características de semelhança entre os cônjuges estão entre as categorias de seleção mais observadas quando utilizadas para um critério de exclusão de possíveis parceiros. Delimitando e especificando esse fenômeno, é possível dizer que as similaridades de comportamento de um sujeito em relação ao outro antecipa uma relação satisfatória, mas não a determina, sendo antecedente à própria vinculação conjugal como um fator associativo benéfico (SBICIGO; LISBÔA, 2009).

Em um estudo comparativo realizado no estado de São Paulo, foram investigados os níveis de satisfação de casais com mais de vinte anos de união conjugal. Como critérios

associados diretamente a uma vinculação sadia e satisfatória estavam as seguintes características: maior proximidade, comunicação suficiente e coesa para a elaboração e processamento elucidativo de conflitos, grau de apreço positivo pelo status econômico e prática comum de algum credo ou religião (NORGREN *et al*, 2004).

De acordo com Scorsolini-Comin e Santos (2010), a qualidade e consolidação satisfatória da identidade conjugal pode ser vislumbrada ou com características positivas ou negativas e isso possibilita o aparecimento tanto de conflitos quanto de possíveis resoluções na dinâmica da relação estabelecida, o que se constitui enquanto um indicador de satisfação, possibilitador de crescimento para a relação ou de fator contributivo associado para a ruptura, no caso, a separação.

## **6. DISSOCIAÇÃO DA IDENTIDADE CONJUGAL**

A conjugalidade e sua dissolução constituem vivências que carregam interlocuções específicas, estando vinculadas por processos transgeracionais que vão desde o modo como a conjugalidade é consolidada até tentativas constantes para estabelecer e reconfigurar a identidade conjugal em constante transformação, transformações essas que quando deixam de ocorrer, resultam ou tendem a resultar na estagnação da identidade da relação, a saber e principalmente, a quebra ou falência da identidade formada pelo vínculo de conjugalidade, tema que consolida e delimita o foco do presente artigo (ROLIM; WENDLING, 2013).

A conjugalidade pode ser compreendida como uma relação afetiva compromissada, resultante da complexidade da dinâmica conjugal estabelecida. Em suma, não há delimitação prévia do conceito de conjugalidade, pois essa é delineada por uma realidade em comum vivida pelos dois parceiros e significada distintamente sob o olhar de cada um para com a sua experiência de individualidade partilhada. As consequências e as vivências referidas a apenas um indivíduo, agora serão compartilhadas pelo casal, que permanece com suas individualidades próprias, porém agora adaptando essas às suas identidades conjugais em processo (FÉRES-CARNEIRO; DINIZ NETO, 2010).

Perpassa também sobre a conjugalidade processualidades contratuais implícitas para além do caráter explícito, que vão desde uma modificação nos desejos, expectativas e formas mais individuais de se perceber o mundo, até mesmo na própria constituição de uma segunda forma familiar à de origem, se estabelecendo assim os primórdios do que se pode ser constituído como um sentimento vincular familiar, ainda que elencado ou mais ressaltado devido ao realce de diferenças (OLIVEIRA, 2016).

Aspectos histórico-culturais influenciam a forma como as pessoas se relacionam enquanto sociedade. Isso não se faz distinto nas relações conjugais. Historicamente, o casamento já foi visto como uma espécie de troca, onde geralmente as uniões conjugais se davam pela permuta, com famílias ricas realizando arranjos predeterminados por ganhos financeiros e representatividade de poder. Hoje, os arranjos são mais volúveis e flexíveis, requerendo mais engajamento emocional nas interações afetivo-sexuais, bem como possibilitando que as escolhas de parceiros tenham um cunho unicamente afetivo ou apenas sexual claro e explícito, demonstrando a pluralidade de modelos de relações e uma maior sensação disseminada de liberdade de vivência das experiências afetivo-sexuais (ALVES-SILVA; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2016).

A identidade conjugal se estabelece na consolidação posterior da união. É a partir disso que serão desenvolvidos padrões identitários simultaneamente associados a conjugalidade. Assim, os indivíduos em conjugalidade tendem a se identificar de tal forma preestabelecida a partir de uma série de demandas sociais direcionadas ao simultâneo convívio de como devem ou podem viver suas individualidades enquanto casal. Com isso, a identidade de cada um dos sujeitos sobre a sua própria construção enquanto um par também começa a se edificar, havendo a partir deste ponto possibilidades maiores de divergências entre os cônjuges, assim como espaços para o encontro de convergências (FÉRES-CARNEIRO, 2003).

Sob esse último dado, os encontros e desencontros são intrínsecos ao processo de consolidação, afirmação e caracterização particular das formas próprias que cada casal encontra para se afirmar e se estabelecer em uma relação específica de vínculos posteriormente significados, ressignificados e mutuamente vividos. Desta forma, aspectos constitutivamente necessários da experiência a dois são o que possibilitam a construção identitária de um constructo simultâneo de convivências compartilhadas, a saber, a conjugalidade (PORRECA, 2019).

## **7. RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INDIVIDUAL**

Sentimentos e comportamentos caracteristicamente de luto são comuns e aparentes em eventos situacionais específicos que envolvam a temática de término, principalmente se a magnitude da resposta for coerente com o dano ocasionado pela perda. Sendo assim, alterações físicas, relatos de sensações de abandono e mudanças de paradigma frente a situações psicológicas limítrofes lideram o patamar de diferenciação das experiências de luto amorosas, onde o afeto e o pertencimento se fundem a um determinado outro que compartilhava

individualidades em conjunto com o outro sujeito, derivando daí o processo de luto e perda (MARCONDES; TRIERWEILER; CRUZ, 2006).

Concordantemente com Marcondes, Trierweiler e Cruz (2006), gênero, iniciativa de término e duração do relacionamento demonstram ser categorias de semelhança de critérios socialmente designados para os sofrimentos decorrentes do fim de uma relação amorosa, e que por decorrência disso, expressam informações distintas que podem avaliar especificamente o que ocorre neste momento de elaboração da perda que dificulta a vivência do sujeito de suas outras dimensões sociais de existência.

O apaixonamento encarna papel central nesta discussão acerca do luto amoroso, luto decorrente da perda de um objeto amado. A experiência da perda amorosa impacta diretamente o sujeito que se relaciona, pois facilmente se associa com uma percepção simbiótica positiva ou auto impune de si mesma, e com isso demanda do indivíduo em enlutamento vivenciar sensações desagradáveis primárias, decorrentes da sua interação com a sua própria identidade refletida que já não existe mais em relação a um outro igualmente respondente à afetividade da relação (ZUANELLA, 2016).

O apego adulto se configura determinante nas experiências de luto devido a perda de um vínculo afetivo amoroso, com isso, as pessoas se demandam a ocupar papéis e posições que não são delas, para se associar cada vez mais a noção de bem-estar promulgada pelo contato do casal consigo mesmo, criando assim uma percepção mútua e dificilmente dissociável, que é o da imagem diferenciada que se ocupa dentro de um relacionamento, nisto pode se advir situações de catastrofização da condição de sujeito único e uma aparente relativização positiva acerca da partilha de prazeres e identidades presentes em um relacionamento amoroso (NEVES, 2015).

A contextualização da perda influi na possibilidade de abrangência investigativa sobre as características que mais afetam o funcionamento integrado e global do sujeito, permitindo recortes específicos na realidade de vivência de sofrimento do enlutado (LIMA, 2008).

O luto se desenvolve em fases não necessariamente lineares, mas sempre claramente visíveis no comportamento do sujeito. Essa etapa pode servir como um catalisador de expressividade latente, de elaborações ainda não construídas e rompimentos não totalmente trabalhados. Com isso, se expressa de distintas formas, atrelando-se ao sentimento afetivo que o objeto amado produzia no sujeito apaixonado, levando assim para um processo de estruturação ou desestruturação, a depender da forma como esse indivíduo irá se organizar diante dessa perda e de como ele irá perceber essa situação em seu contexto atual de vida (ANDRADE, 2009).

A relação amorosa participa e é realidade na vida de muitos, com isso, é constatável a significância da sua avaliação enquanto um critério contributivo ou danoso para a saúde mental. Enquanto se percebe que, quando categorizada como um fator benéfico, ela traz benefícios que afetam inclusive o desenvolvimento psicológico dos indivíduos, por outro lado também acarreta grande sofrimento em situações contextualizadas por violência ou abandono (SCHLÖSSER, 2014).

O sujeito, vivente de uma perda transitória, não desocupa a possibilidade inevitável e provável de se destituir da lembrança mais recente da perda do objeto de amor. Diante de situações conflitantes e passíveis de sofrimento como essa, o que tende a ocorrer é uma desestruturação psíquica do sujeito consigo mesmo, reelaborando estruturas de formação da sua identidade e se deslocando de construções identitárias falidas ou não mais viáveis (NOBRE, 2018).

A perda e a separação se fazem fundantes na conceituação do luto e do que ele representa. Diante da situação de perda, fica evidente algum tipo de elaboração restante para que a situação se estabilize e a pessoa consiga sofrer da maneira que for possível e satisfatório para ela. Na separação, o contexto predominante é o de cisão, o do fim de um processo contínuo de reconstrução (CIOFFI, 2015).

Representações de papéis na relação tipificam os acordos pré-estabelecidos na união afetiva, criando uma dinâmica afetuosa que circunda os padrões daquele campo intersubjetivo humano. Nesse sentido, o desejo do outro é perpassado na relação pelos limites a que lhe são impostos a outra figura amorosa presente no relacionamento, manifestando assim a dupla contradição da realidade afetiva: o outro carece de ser desejado e é objeto de desejo ao mesmo tempo em que também deseja e quer ser desejante. Em suma, o outro representa um limite para o desejo não manifesto, do mesmo modo que encerra a sua realização. Desta forma, as nuances da retroalimentação do processo identitário tão intimamente ligado com o processo de elaboração e formação de um luto advindo da dissociação conjugal necessita de atenção, pois envolve um contexto enfraquecido e vulnerável do campo das vivências humanas (BERTTRAN; GOMES, 2013).

A vulnerabilidade apresentada e exposta pela situação de enlutamento costuma afetar em maior intensidade sujeitos que tendem a não desenvolver as suas experiências de luto, ou seja, por indivíduos que não se elaboram durante esse processo e com isso, simplificam a vivência desse momento de sofrimento, em uma tentativa de fuga e escape da limitação de abarcar a perda desta realidade tal como ela se interpela para aquele que a vivencia (BASTOS; ROCHA; ALMEIDA, 2019).

O amor encarna uma realidade própria, distinta dos utilitarismos práticos que subjagam o cotidiano dos homens. Ao ser inserido em um contexto amoroso, o indivíduo lança-se de si para um outrem, com a mesma esperança de que esse salto fatídico aconteça também por aquele que é desejado. De tal forma, é possível afirmar que o interesse por estabelecer vínculos amorosos não mais se restringe apenas a um campo unicamente afetivo ou sexual, em verdade, diversas configurações contemporâneas prezam mais pela volatilidade das relações e seu caráter transitório do que propriamente uma construção conjunta e envolta em processos conjuntos de caracterização, a saber, a dinâmica existente em uma relação afetivo-sexual compromissada (ENRIQUEZ, 2003).

A reificação do parceiro amoroso é uma das facetas que comprometem o indivíduo no término da relação afetiva amorosa, já que durante o relacionamento essa reificação possibilitou um apreço excessivo pelo par amoroso, inviabilizando ou dificultando qualquer construção de horizonte de futuro à parte da realidade vivenciada na situação conjugal, dado a limitação identitária na qual se autodeterminou pelas ligeiras conclusões afetivas, motivadas pelo ciúme romântico ou por uma idealização abstrata (ALMEIDA; RODRIGUES; SILVA, 2008).

O reconhecimento do luto tal como ele se apresenta, em decorrência de uma vivência de falta, de desajuste com a atualidade com a qual ele convive, demonstra para ele e nele a ausência que o mesmo sente, mas a pessoa não chega a sentir que sabe do que está sentindo falta ou o que sente ter perdido, apenas há uma sensação generalizada de perda, o que retrata aí então o caráter organizativo que a identidade conjugal promovia ao sujeito em luto (NASCIMENTO, 2015).

A dependência amorosa é um termo de designação prioritariamente direcionado para as relações dependentes desenvolvidas por pessoas que possuem pouca ou mal desenvolvida formação pessoal afetiva, e com isso, atribuem a um outro sujeito condições que não poderá alcançar a não ser por si mesma, em uma construção singular dentro de seu percurso histórico de vida. Diante disso, é pertinente o olhar mais acurado para esse tipo de fenômeno, que assola de forma comum qualquer tipo de pessoa, sem critérios específicos. Nisso, a dependência se assemelha com o quadro de adição, onde o sujeito em quadro de vício sente uma vontade elevada de novamente obter prazer com a sua substância psicoativa de predileção (SILVA, 2013).

O rompimento amoroso é um fenômeno que abrange uma série de outras características de sua particularidade que são profundamente angustiantes para os sujeitos que o vivenciam na maioria dos contextos, ainda que esse também seja um fator benéfico em alguns casos. Entretanto, o que costumeiramente ocorre é uma supervalorização dos sentimentos afetivos e,



com isso, uma abrangência no papel que a outra pessoa pode ou não desempenhar na vida participativa e ativa do sujeito. Nisso, o ato de perder a possibilidade de uma via de felicidade construída e refletida a dois danifica no desejo de união aquilo que ele mesmo não conseguiu obter e que agora já se foi (GUEDES; MONTEIRO-LEITNER; MACHADO, 2008).

Há uma divisão própria do estado de luto amoroso: a ambivalência afetiva. Se por um lado o sujeito sofre com a perda, por outro estima algo que já não está mais dentro do seu campo de relações, ainda que permaneça vivo. Ou seja, o luto advindo de uma perda amorosa propicia no indivíduo sentimentos conflitantes quanto a figura estimada do ser amado perdido, pois já não se pode se valer de uma apropriação afetiva total do que foi findado, considerando o término do relacionamento como um fatídico e importante fator de expressividade das divergências não harmônicas (LIMA, 2019).

A perda se configura enquanto uma morte em vida, mais simbólica do que concreta, e nisso não se encerra aqui a sua propriedade específica. Perder é o morrer em processo, é como a morte se faz presente como é possível, e por esse motivo a situação de perda é algo muito traumático e temido, pois viabiliza de forma não deliberada o surgimento de noções de identidade, de recursos a se possuir para que o luto possa ser trabalhado e toda uma rede de apoio que precisa dar subsídios e condições para que esse sujeito em luto consiga vislumbrar outras possibilidades em sua vida na medida em que sofre o seu luto, trabalhando-o dessa forma (KOVÁCS apud LIMA, 2019).

Experienciar o luto é uma tarefa árdua, entretanto, não somente dificultoso é a vivência de alguém experienciando o luto complicado, como também é limitante para a própria pessoa. Diante disso, é de intrínseca e fundamental importância verificar a existência de tal quadro o quanto antes, para que a pessoa seja devidamente orientada ou respeitada nas suas limitações afetivas ou existenciais naquele momento de sua vida (ALMEIDA; LIMA, 2016).

O luto revela a perda do objeto de desejo. O objeto transita entre o esperado e o concreto, e nisso figura a sua dupla impossibilidade de satisfação do desejante. Seguindo tal perspectiva, é só na atribuição de um apreço por algo que se verifica o valor atribuído a tal coisa (BESSET, 2007).

## **8. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do exposto, a temática da separação conjugal e sua conseqüente dissociação identitária conjunta do casal propicia reflexões não somente em âmbito social, como também clínico. Esse é um fenômeno comum na atualidade e a psicologia pode possibilitar uma abertura de análise e estudo que abarca as potencialidades desse tema dentro da psicoterapia e em outras

áreas de atuação competentes ao fazer do psicólogo.

Assim, as contribuições clínicas do olhar psicoterapêutico para esse fenômeno podem fornecer dados contributivos para uma análise mais apurada e específica de tal estado de sofrimento. Sendo assim, o que a psicologia pensa sobre as formações e os estilos de vinculação conjugais e grupais podem interferir e conduzir o processo de uma outra forma.

A separação conjugal demarca um limite de fronteiras entre dois eus, e isso explicita a margem de fenômenos múltiplos que são advindos daí. A psicologia sistêmica observa os sistemas íntimos familiares e como eles se correlacionam para a união de um conjunto multifatorial e diverso. De tal forma, as relações estabelecidas dentro desses parâmetros são sempre observadas dentro do sistema de relação, nunca fora dele.

Coadunante com a proposta exploratória do presente trabalho, pode ser inferido novamente a relevância do estudo das perspectivas de identidade dentro das dinâmicas conjugais e familiares. Nisso, tal ponto se apresenta como relevante devido ao caráter constatado de significância para a temática em questão, uma vez que o estudo sobre o que possibilita a construção identitária primária ou individual, também viabilizará a análise de todo o processo secundário a esse, em questão aqui está a formação da identidade conjugal como construção identitária secundária ou advinda de fatores grupais.

Enquanto fator pessoal, percebo a relevância do seguinte tema devido ao majoritário espectro de fenômenos psicológicos subsequentes desse processo, bem como na atualidade dele, servindo de tal forma também como fator social, dado a abertura de possibilidades para reflexões de cunho não apenas psicológico, como também social.

A construção de uma conjugalidade conjunta é fator contributivo para a saúde mental, quando associada a fatores positivos advindos da relação construída dentro da dinâmica conjugal. Essa constatação viabiliza uma maior abrangência de análise quanto aos efeitos positivos nos cônjuges.

O sofrimento advindo da relação conjugal e do seu consequente término possibilita a análise relacional e suas atribuições de significado e construções tanto históricas quanto sociais do lugar de fim das relações maritais. Nisso, as intempéries visualizadas no processo de luto apontam para uma construção relacional afetiva profundamente íntima, o que denota uma força vincular intensa, demonstrando o lugar de relevância do estudo de como se constituem as relações amorosas e como se configura o seu término.

Estar satisfeito com a conjugalidade construída é o que inicialmente indica associações positivas com o fato de estar vivenciando uma situação conjugal. Aspectos constituintes das conjugalidades podem também ser indicadores de perturbações nas formas relacionais centrais

dos sujeitos em conjugalidade.

Critérios de validação positiva do vínculo conjugal podem servir como base de um estudo acerca da estrutura particular constitutiva desta forma específica de relação, entretanto apenas apontam para fatores contributivos, não determinantes de uma forma saudável de se relacionar, o que seria um contrassenso por si só.

O relacionamento amoroso é propiciador de experiências tanto positivas quanto negativas. Nas vivências positivas, afetos são significados e ressignificados a partir de uma dualidade relacional, onde não apenas um indivíduo é sujeito do que acontece na relação, mas sim o conjunto, ou seja, o casal. Quanto às experiências negativas, essas são propiciadoras de sofrimento, indissociável a identidade construída na conjugalidade, e é daí que derivou a origem deste trabalho, na busca por tentar explorar a alternância de identidades, especificamente a individual e a conjugal.

Em suma, o trabalho da psicologia nesse sentido está em dar suporte e apoio a vivência de luto que é relatada pela pessoa que vai em busca de atendimento psicológico, bem como o de fortalecer as suas construções identitárias primárias, para que dessa forma a desvinculação do processo formativo conjugal se consolide, estando dado dessa forma a dissociação.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Thiago de; LIMA, Rafael Diniz de. **O Poder do Ex em Minha Vida: Sobre a Influência das Relações Cíclicas no Cotidiano das Relações Amorosas**. Pensando Famílias, 2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v20n2/v20n2a08.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2019.

\_\_\_\_\_; RODRIGUES, Kátia Regina Beal; SILVA, Ailton Amélio da. **O ciúme romântico e os relacionamentos heterossexuais contemporâneos**. Estudos de Psicologia, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n1/10.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2019.

ALVES-SILVA, Júlia Denise; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. **Conjugalidade e casamentos de longa duração na literatura científica**. Contextos Clínicos, 2016. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-34822016000100004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822016000100004)>. Acesso em: 20 nov. 2019.

ANDRADE, Juliane Roberta de. **Processo de luto diante da separação amorosa**. Universidade do vale do itajaí, 2009. Disponível em: <<http://siaibib01.univali.br/pdf/Juliane%20Roberta%20de%20Andrade.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

ANTON, Iara Camaratta. **Homem e mulher – seus vínculos secretos**. Porto alegre: Artmed editora, 2002.

BASTOS, Vânia; ROCHA, José Carlos; ALMEIDA, Thiago de. **Os efeitos do rompimento**

**de um relacionamento amoroso em estudantes universitários.** Psicologia, saúde & doenças, 2019. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/psd/v20n2/v20n2a10.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

BERTTRAN, Déa E; GOMES, Isabel Cristina. **A Vincularidade Enquanto Malha e Seu Esgarçamento Ante o Luto.** Pensando Famílias, 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v17n1/v17n1a08.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

BESSET, Vera Lopes. **Luto e angústia: questões em torno do objeto.** Lat. Am. j. fundam. psychopathol. on line, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 185-192, 2007. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-03582007000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-03582007000200006&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em: 22 nov. 2019.

CIOFFI, Luciana Maria Berardi. **Luto: uma revisão de conceitos e sua importância no processo de psicoterapia.** Fundação universitária mario martins, 2015. Disponível em: <[https://www.mariomartins.org.br/site/wp-content/files\\_mf/1533214033TccLuto.pdf](https://www.mariomartins.org.br/site/wp-content/files_mf/1533214033TccLuto.pdf)>. Acesso em: 10 nov. 2019.

COCA, Ohara de Souza; SALLES, Rodrigo Jorge; GRANADO, Laura Carmilo. **Uma Compreensão psicanalítica acerca do processo de luto na separação amorosa.** Psicologia em Estudo, 2017. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/jatsRepo/2871/287154862003/html/index.html>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

CORREIA, Maria Rosalida de Azevedo. **Construção de identidades em psicologia.** Programa de pós-graduação em educação, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/10598/1/Maria%20Rosalida%20de%20Azevedo.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

COSTA, Liana fortunato. **A perspectiva sistêmica para a clínica da família.** Scielo, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722010000500008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722010000500008)>. Acesso em: 21 nov. 2019.

ENRIQUEZ, Eugène. **A construção amorosa.** Psicologia em Revista, 2003. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/162/175>. Acesso em: 14 out. 2019.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade.** Estudos de Psicologia, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n3/19958.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. Casamento contemporâneo: o difícil alívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicol. Reflexo. Crit.**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 379-394, 1998. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 21 nov. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721998000200014>.

\_\_\_\_\_; DINIZ NETO, Orestes. **Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais.** Scielo, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v20n46/13.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

FERRARI, M. A. L. D. **O papel da diferença na construção da identidade.** Bol. Psicol, 2006. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0006-59432006000100002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432006000100002)>. Acesso em: 10 nov. 2019.

FERREIRA, S. I.; PEDRO, M. F.; FRANCISCO, Rita. **“Entre marido e mulher, a crise mete a colher”**: A relação entre pressão económica, conflito e satisfação conjugal. Revista da Associação Portuguesa de Psicologia, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/psi/v29n1/v29n1a02.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2019.

FIGUEREDO, P. M. V. **A influência do locus de controle conjugal, das habilidades sociais conjugais e da comunicação conjugal na satisfação com o casamento.** Ciências e cognição, 2005. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cc/v6n1/v6a14.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

FONSECA, S. R. A.; DUARTE, C. M. N. **Do Namoro ao Casamento: Significados, Expectativas, Conflito e Amor.** Scielo, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v30n2/02.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

GUEDES, D. D.; MONTEIRO-LEITNER, J.; MACHADO, K. C. R. **Rompimento amoroso, depressão e auto-estima: estudo de caso.** Revista Mal-estar e Subjetividade, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v8n3/03.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

GUEDES, D.; ASSUNÇÃO, L. **Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?).** Rev. Mal-Estar Subj., 2006. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482006000200007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000200007)>. Acesso em: 10 nov. 2019.

GUEDES, M. M. **Hibridação da subjetividade masculina no rompimento de um relacionamento amoroso.** Pontifícia universidade católica de são paulo, 2007. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/18522/2/Mariana%20Martorano%20Guedes.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2019.

LARA JUNIOR, N.; LARA, A. P. S. **Identidade: Colonização do mundo da vida e os desafios para a emancipação.** Psicol. Soc., 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822017000100406&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822017000100406&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em: 10 nov. 2019.

LIMA, S. B. L. **A dor da perda amorosa e a Gestalt-Terapia.** Revista IGT na Rede, 2008. Disponível em: <<http://igt.psc.br/ojs2/index.php/igtnarede/article/viewFile/1887/2573>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

MAHEIRIE, K. **Constituição do sujeito, subjetividade e identidade.** Interações, 2002. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/inter/v7n13/v7n13a03.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

MARCONDES, M. V. TRIERWEILLER, Michele; CRUZ, Roberto Moraes. **Sentimentos Predominantes Após o Término de um Relacionamento Amoroso.** PSICOLOGIA

CIÊNCIA E PROFISSÃO, 2006. Disponível em:

<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v26n1/v26n1a09.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

MONTEIRO, A. M. **Avanços no estudo da conjugalidade: os casais de dupla carreira.** Psicol. cienc. Prof., 2001. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932001000300003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932001000300003)>. Acesso em: 10 nov. 2019.

MUHLEN, B. K. V.; SATLER, M. **Empoderando Mulheres nas Relações Conjugais: Rumo à Satisfação Conjugal.** Pensando Famílias, 2016. Disponível em:

<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v20n2/v20n2a14.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

NASCIMENTO, A. B. **Enigmas frente à separação conjugal.** Psicologado, 2015.

Disponível em: <<https://psicologado.com.br/abordagens/psicanalise/enigmas-frente-a-separacao-conjugal>>. Acesso em: 14 out. 2019.

NEVES, C. C. **Luto complicado nas separações amorosas.** Quatro estações instituto de psicologia, 2015. Disponível em:

<[http://www.4estacoes.com/pdf/luto\\_complicado\\_nas\\_separacoes\\_amorosas.pdf](http://www.4estacoes.com/pdf/luto_complicado_nas_separacoes_amorosas.pdf)>. Acesso em: 10 nov. 2019.

NOBRE, T. S. **“O essencial é invisível aos olhos”: considerações psicanalíticas sobre a perda amorosa em o pequeno príncipe.** Centro universitário doutor leão sampaio, 2018. Disponível em:

<<https://leaosampaio.edu.br/repositoriobibli/tcc/THALLISON%20DE%20SOUZA%20NOBRE.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

NORGREN, M. B. P.; SOUZA, R. M.; KASLOW, F.; HAMMERSCHMIDT, Helga; SHARLIN, Shlomo A. **Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível.** Estudos de psicologia, 2004. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a20v09n3.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

OLIVEIRA, Débora Silva de. **Conjugalidade e a União de Duas Histórias de Vida: Uma Discussão Ilustrada a Partir do Filme “A História de Nós Dois”.** Interação Psicol, 2016.

Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/>. Acesso em: 20 nov. 2019.

OLIVEIRA, Débora Silva de. **Conjugalidade e a União de Duas Histórias de Vida: Uma Discussão Ilustrada a Partir do Filme A História de Nós Dois.** Interação Psicol., 2012.

Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/21197>>. Acesso em: 14 out. 2019.

OLIVEIRA, Joana; COSTA, Maria Emília. **Estilos de vinculação e percepções de satisfação com os papéis parental e conjugal em tríades de famílias intactas.** Psicologia, 2005.

Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/psi/v18n2/v18n2a03.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

PORRECA, Wladimir. **Relação conjugal: Desafios e possibilidades do “nós”.** Psic.: Teor. e Pesq., 2019. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722019000200206&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722019000200206&script=sci_arttext)>. Acesso em: 14 nov. 2019.

RANGEL, Vanessa Gerosa da Silva. **O desenlace conjugal: um estudo sobre o processo de dissolução da conjugalidade**. Pontifícia Universidade Católica, 2014. Disponível em: <[https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/25550/25550\\_1.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/25550/25550_1.PDF)>. Acesso em: 10 nov. 2019.

RANGEL, Vanessa Gerosa da Silva. **O término do casamento: o luto feminino decorrente da separação**. Universidade Católica de Pernambuco, 2008. Disponível em: <[http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/108/1/dissertacao\\_vanessa\\_gerosa.pdf](http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/108/1/dissertacao_vanessa_gerosa.pdf)>. Acesso em: 10 nov. 2019.

ROLIM, Kamêni Iung; WENDLING, Maria Isabel. **A história de nós dois: reflexões acerca da formação e dissolução da conjugalidade**. Pepsic, 2013. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652013000200010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652013000200010)>. Acesso em: 22 nov. 2019.

SBICIGO, Juliana Burges; LISBÔA, Carolina Saraiva de Macedo. **Habilidades sociais e satisfação conjugal: um estudo correlacional**. Revista brasileira de terapias cognitivas, 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v5n2/v5n2a08.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

SCHLÖSSER, Adriano. **Interface entre saúde mental e relacionamento amoroso: um olhar a partir da psicologia positiva**. Pensando fam., 2014. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2014000200003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000200003)>. Acesso em: 10 nov. 2019.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. **Satisfação Conjugal: Revisão Integrativa da Literatura Científica Nacional**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n3/a15v26n3.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2019.

SILVA, Flávia Gonçalves da. **Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural**. Psic. da Ed., 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/n28/v28a10.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

ZUANELLA, Ana Cláudia. **Os caminhos da paixão amorosa e alguns dos seus destinos patológicos**. Universidade Católica de Pernambuco, 2016. Disponível em: <[http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/248/1/ana\\_claudia\\_zuanela.pdf](http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/248/1/ana_claudia_zuanela.pdf)>. Acesso em: 10 nov. 2019.